



O Pregão de São Nicolau

Recitado aos 5 de Dezembro
de 2000, nas ruas e praças
da Cidade de Guimarães
pelo jovem nicolino:

Filipe Manuel Freitas Guimarães

e pelo autor dedicado a:

Trabalhadores do Vale do Ave

“Vós não deixeis cair em saco roto
De Campelo a lição fundamental:
Também podeis vender o vosso voto
Porque tudo se compra em Portugal!...”



Do “BIG” nem falar! O nojo é tão profundo
Que melhor é cocar aqueles que no mundo
Bem sabem ocultar e o Povo distrair
De tramas a tramar e teias para urdir...
Atentos pois sejais ao nosso Santo amigo!
Calados ouvireis este Pregão que digo...

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Ó velha e miserável vida morta
Do futuro nos abre já a porta
E que seja o Porvir nosso tesouro!
E não penses que falo em barras de ouro
Que os míseros desejam possuir:
Eu falo da alegria de existir
E de poder dizer no fim da vida
Que a nossa passagem foi cumprida.

Eu falo da desgraça deste estudo
Pois querem que sozinho saiba tudo
Um grau por cima mais do professor!
E eu que vivo a vida com amor
Por muito que estude não me nego
Ao destino fatal do desemprego:
Protesto ao velho jeito nicolino
A falência geral do nosso Ensino!

E se ao policia mor já foi roubado
Por um drogado o próprio capachinho
Merece o do Ensino ser chumbado
Com chumbo grosso ou chumbo miudinho
Que lhe provoque a grande comichão
Das provas a que eu vou sujeitado:
Não pode suportar esta Nação
As grandes tropelias do coitado!

Se a prova afinal nunca reprova
E vinga sempre ao fim a melhor nota
Para que vamos nós fazer tal prova
Calçando e descalçando a mesma bota?
S. Nicolau nos disse p'ra faltar
Munidos por igual dum atestado:
O Sor Ministro pode não gostar
Mas com provas assim tome cuidado!

O ensino é um poço de doença
Muito maior e fundo do que pensa...

Nós não somos aqui mercadoria
A um futuro imposto sonogada:
Nosso atestado a Lei já o previa...
Tudo legal! Não inventamos nada!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

A vida é de viver com emoção
E sem contrariar a natureza
Um pouco de gasalho, um duro pão
Uma batata nossa, portuguesa
Um luso nabo que já se não topa
Serão melhor presigo em mesa nossa
Que as pizzas que nos manda essa Europa
Com cheiro e paladar de grande fossa!

Só de pensar eu até fico neuro
E se quiserem mostro um atestado:
Mais doente que eu está o Euro
E vai morrer antes do baptizado!
É fácil de prever que a moedinha
Com a velha Albion tão encolhida
Nem vai nascer a pobre coitadinha
E se nascer será de curta vida...

Desse bezerro de ouro idolatrado
Farás o Deus mais vil e desprezado!

É o oiro que faz todo o programa
Desta vida terrível, desumana
Que o homem gera no fatal invento
Que devora a raiz do Pensamento...
Tudo girando à volta do cifrão
Neste disfarce da globalização
O poder argentário tudo come
E global será só mesmo a fome!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

O século a mudar não traz mudança
E abalada a nossa confiança
Teremos nós o tempo de mudar
A tramóia que estão a preparar?
Que o tempo não cumpra o que promete
O Guterres que vê na Internet
Cá do luso portuga a salvação...
Há outros que por menos lá estão!

De pavilhões e expos fartos vamos
E mais das tropelias que pagamos!
Nós queremos é ver arroteado
O solo pátrio liberto do silvado
A que a PAC megera o condenou
Nas directivas loucas que traçou!
Não queremos a troco de uns trocados
Dum Bruxelas Café sermos criados...

E o Homem que agora aí vês
– O tradutor das leis em português –
Anda triste, perdido e assaz neuro
Cansado de correr atrás do Euro...
Irá pedir esmola ao alemão
Que vem espaiar ao nosso Algarve?
O Santo manda aqui rotundo não...
Protesta do poder o sim alarve!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

A Europa tão cheia de mazelas
Cozinha em gabinetes de Bruxelas
As directivas com que nos estoura
A indústria, as pescas e a lavoura!
Só a velha Albion de orelhas moucas
Invocando a razão das vacas loucas
Não aceita cumprir as directrizes
Que por cá nós cumprimos tão felizes...

E sem ela, senhores, como é
Que se vai construir a CEE?
Já ouço gargalhar o americano...
Vejo o dólar trepar e muito ufano
A Europa fazer aberta à China
E obrigá-la até, pobre menina
A comer seu arroz com dois pauzinhos!
Ai que tristes que são estes caminhos...

Já nada neste mundo tem perdão
E digo só a ti que vais por mim
Que até nos copiaram o melão
Que antigamente era de Almeirim!
Outros vêm aqui comprar meixão
E lá fica a Murtosa sem enguia...
Daqui nos levam tudo quanto é bom...
De lá nos mandam toda a porcaria!

Agora que chegou século novo
E vem o vinte e um e vai o vinte
Deseja Nicolau ao seu bom Povo
Não o tomem por burro nem pedinte!
Tu no rolo não vás e faz-te fino:
Teu voto precioso deves dar
Se for o candidato um Nicolino
Capaz de nos Caquinhos te abraçar!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Eu quero ver ainda o Século virar
Na esperança vital de começar o novo
Por apear do mando aqueles que a mandar
Insistem no engano de enganar o Povo!
Eu quero que se salve ao menos Portugal
Da desgraça que vem no mito trapaceiro
Dum mundo sem nações, na Aldeia Global
A que aspiram chegar os donos do dinheiro!

Fariseus do progresso que em jeito astuto
Querem fazer no mundo circular a droga
E que o povo lhes pague as "casas de chuto"
Tal como o enforcado compra sua corda!
E tantos por aí que andam disfarçados
De pios cidadãos, excelsos benfeitores
A entregar em mão, à guisa de trocados
A droga de que são reais importadores...

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

O mundo que se lixe! Está perdido
E valerá a pena, faz sentido
Falar agora só de Guimarães
Que embora pertença a Magalhães
Nós desejamos seja terra nossa
E onde viver livre um Homem possa
Sem ter de Magalhães molesto olho
A mirá-lo no escuro e com sobrolho:

Se o montasse decerto acontecia
Sentença igual à da cutelaria!
Mas agora que o olho vê tapado
Os olhos põe muito lesto no Mercado
Que deseja dali prestes mudar
Sem vozes adversas escutar:
Contrariando ele toda a gente
Com o Mercado alarga o Continente!

E lá se vão as velhas amoreiras
As tendas, os marchantes, as peixeiras
Para ali expedito ele fazer
O que mais gosta: um centro de lazer!
Ó nosso Presidente: eu quero vê-lo
Limpar a tal gringada do Castelo
Que serve para tudo e até de feira!
O resto é distracção, é brincadeira...

É abuso de força desusada:
Pior este fazer que fazer nada!

A Veiga lá se foi! Projecto caro
Mais valia fazer por Santo Amaro
A Pevidém aquela rodovia:
A Veiga para nós só merecia
Ser da Cidade um parque natural
– O mais belo do nosso Portugal! –
Agora a saber fica toda a gente
Que chega mais depressa ao Continente...

Abracadabra!

Ao mando do progresso a Veiga lá morreu
O seu verde vencido no negro do asfalto:
O prado verdejante foi um ar que lhe deu
E se isto é progredir eu ao progresso falto!
Eu moro em Creixomil e solto pelos ares
Meu grito em desespero: se quero ir p'ra casa
Eu tenho de apanhar um nó cego em Silvaes
E voltar para traz! **Progresso assim arrasa!**

Entendo já melhor protestos da Morreira
Que chegam lá de Braga aqui ao meu ouvido:
A nossa Engenharia comanda a brincadeira
Das obras a gastar, das obras sem sentido!
Agora Creixomil é um povo isolado
Do resto da Cidade! E sem cidadania
De impostos deve ser em vida libertado
Quem mora deste lado, do lado da Atouguia!

Abra...

Mas vejam lá: para o carro parar
No centro da cidade, em qualquer lado
A estes três teremos de pagar:
À Câmara, ao Policia e ao drogado!
E quem ignorar a maquina
Ou o sinal fizer ignorado
Logo verá no carro a papeleta
Ou na pintura aviso mais riscado!

Mas tudo bem. Às vezes o progresso
É visto à martelada e do avesso:
A Cidade da noite para o dia
Vê milagres de Santa Alvenaria!
De pedra já se vê que estamos ricos
Em praças, alamedas e penicos
Faremos mundial o património...
Mas obras destas leve-as o demónio!

Avance lá na Quinta de Monchique
E faça dela um cemitério chique
Pois seria decerto despautério
Fazer da velha praça um cemitério...
Aprenda a ouvir nossas opiniões
E com razão ouça o Dr. Simões
Que é vizinho da Praça, na Sarmento:
Nosso mercado é um monumento!

Ouçã pois, Presidente, esta verdade:
Não roube as nossas marcas à cidade!
Não pretenda imitar santos de Braga:
Se o fizer mais certamente estraga
A obra feita em que nem tudo é mau
Pois tem tornado esta cidade bela!
O nosso Santo, o Santo Nicolau
Não esquece sua ajuda na Capela!

Venha ao nosso pensar sem arrogância
E veja se encurta a distância
Que vai do povo à força do mandato:
Não abuse de povo tão cordato!
Do mais alto poder qualquer um tomba:
Relembre o Ditador de Santa Comba...
E pense bem, pense por uma vez
Que Guimarães é longe de Cavez!

E já agora mande pintar a espada
Que a Afonso fizeram mal soldada...

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Falemos ora e já dos deputados
Que eleitos por nós vão a Lisboa
E por lá ficam mudos e calados
Amantes do lazer, da vida boa!
Não dispensam chorudos ordenados
E se falam por lá, no Parlamento
É a pedir que sejam aumentados
Quando não fazem jus ao vencimento...

Todos iguais, de todos os partidos
Metida a mão no saco do Orçamento
Por lá ficam solenes, esquecidos
Do seu povo eleitor, esse jumento!
Dele se vingam lá e vingam bem
Das escamas dos beijos na peixeira:
Mudada a fatiota vai também
Mudar toda a promessa eleioeira!

Agora o Povo é a infrene tropa
Que foge a bom fugir a quanto imposto:
Mal traduzida a Lei "made in Europa"
Só lhes resta esperar o sol de Agosto!
Assim sendo, que vão para o inferno
Para que percam o jeito de mamar
E que levem com eles o governo:
O bom turismo faz-se a viajar!

É Bruxelas que agora tudo trata
Tudo dirige e manda, tudo ordena:
Regula o pão, o vinho e a batata
E à fome da nossa nos condena...
E nem um só aí que se demita
E de São Bento largue a tal cadeira
Dizendo aos pares que se o povo grita
É porque farto vai da pepineira!

Vão da couve galega à couve roxa
Vão da broa de milho ao caviar...
Pensam que o eleitor é esse trouxa
Que só vive feliz se protestar!
Mas ouve tu aí, ó desgraçado
Que teimas em lá ir e em votar:
Exige um Parlamento - um deputado!
Para apagar a luz deve chegar...
Abracadabra!

Meu amado Guterres: Eu desejo
Que teu esforço seja premiado
E o voto comprado por um queijo
Nos saia saboroso e amanteigado...
Mais uma prova é que o Orçamento
Se pode dispensar e ser trocado
Por qualquer coisa aí que dê sustento!
Para o ano será leitão assado...

Que contratados sejam cozinheiros
Para gerir a nossa Economia:
Se a beber já somos os primeiros
Melhor façamos na gastronomia!
Um queijo, uma estradinha, um hospital
E lá se vai a douta discussão:
O Orçamento fica tal e qual...
O Campelo venceu a oposição!

Ho! Que santo país, brandos costumes
Enobrecem no povo a raça lusa:
Para cozinha assim de estranhos lumes
Nem tacho nem panela se recusa!
Aos grandes **cozinheiros** de certeza
Competirá manter viva a **receita:**
O Povo pagará sempre a despesa
Sem ver jamais sua comida feita!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Tu que sabes da nova Economia
Se não entendes nada de trapaça?
Agora até se chama engenharia
A qualquer vigarice que se faça!
E o Estado atrás, a encobrir
No disfarce da lei a trampolina
Lá permite que tudo vá subir
Enquanto contenção a ti destina...
E discute um tostão ao reformado
Que novo ainda, ainda atura a sogra
Para cuidar apenas do drogado
A quem seringas dá porque se droga...

Descuida as leis e faz democracia
À custa do trabalho e do direito:
E isto a que se chama "engenharia"
Eu considero falta de respeito!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Agora o "Bem-lhe-vai" é todo do Pimenta
Que ganha à Unidade as terras e piscina
E não deixa tomar banhocas na Cidade...
Enquanto de cimento as obras acrescenta!
É sempre ao treinador que tal mago destina
Dos golos marcação sem dó nem piedade...

E agora que no jogo a coisa vai "piori"
Convence a regressar o "mister" Autuori
Da selva brasileira ao Berço da Nação
À espera do recado da Rádio Fundação!

Assim é que se manda! Assim é que se quer!
Do Meira já sabeis que foi um "fait-divers"...
O Vitória novinho é velho como dantes
E de nada valeram as "bocas" do Arantes
Nas mais belas, luzidas e loucas eleições
Que a Cidade mostrou a outros aldrabões:
Tomara já o Horta votos do Vilarinho!
Tomara o Amaral os votos de Azevedo!

Mas sabe bem melhor **Sampaio** esse caminho
Que o Pimenta abriu e percorreu sem medo:
Para nossa vaidade e para nossa glória
Todos bebem aqui na fonte do Vitória!

Os que andam aos votos na Cidade
E a Pimenta pedem a mãozinha
Do Vitória não querem ver a SAD
E recusam dar mão ao Pimentinha!
Mas hão de ter ainda aflições:
Se querem um SMAS privatizado
Só mesmo a SAD comprará acções
Com Pimenta a marcar no seu relvado!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Vós ó damas gentis que na Cidade
Arejais a peitaça no calor
Sois o verão melhor que a edilidade
Nos pode prometer sem mais favor!
Vós sois lindas e lindas de verdade
E tudo que mostrais não é por mal:
Sentir calor assim na vossa idade
É muito saudável por sinal...

E de ver-vos passar, até me passo
– E passo às vezes mesmo muito mal –
Por não saber se me aceitais o braço
P'ra dar uma voltinha no Tournal!

Bendita seja pois a caloraça
Que neste meu jardim vos faz passar
Com a leveza tanta e tanta graça
Que a beleza põe no vosso andar..
Tornais assim tão belo o meu jardim
Nessa beleza grande e não pequena
Que eu garanto aqui que para mim
Perder um tal verão é uma pena!

Com a vossa beleza em Guimarães
Os verões por aqui são mesmo belos!
Bem melhores que os de Magalhães
"Cafilando" a cidade de camelos...

Bem mereceis a nossa maçãzinha
Numa lança de amor bem espetada:
Sem a graça gentil dessa perninha
Verão em Guimarães não vale nada!

Vinde todas à festa para ver
Erguer-se por si só nosso Pinheiro
Que para muitas certo pode ser
O mastro mais bonito, o derradeiro...

Abra!

Aqui vos fique pois bem claro no registo
Um gesto de carinho, um preito e um louvor
Pois sois do nosso tiro o alvo nunca visto
Dum Cupido céguinho, o deus do nosso amor!
Vinde todas a nós e em qualquer idade
Retirem a maçã que vai na nossa lança
Tão verde de sentir, tão rubra de Saudade
Que bem merece ter a vossa confiança...

E trinquem à vontade!

Nós sabemos amar como Flor Espanca
E como amou e "só" o nosso António Nobre:
Se só um puro amor a vossa sede estanca
Alfobre não vereis onde amor tanto sobre..
Vinde todas a nós, abertas em sorriso
Pois se gostais de amar, amar perdidamente
E fugir deste inferno, subir ao paraíso..
Com licença do Santo, podeis contar c' a gente!

Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

Que o tempo que vem seja de novo Amor
E a juventude agora, atenta e instruída
Consiga construir um mundo bem melhor
Onde o Homem possua o seu lugar na vida!
Nela possa sonhar e ganhar a certeza
De que viver terá apenas valimento
Se o Homem sentir do trabalho a beleza
E só dele colher para os seus o sustento...

Fazer voltar ao mundo os antigos afectos
Trazer de novo à vida a tribo ancestral:
É dar os pais aos filhos, os avós aos netos
O professor à escola, amando Portugal
Que tem lá por Timor uma real fronteira
Num povo que sofreu e lutou com firmeza
E nem calca sequer a sombra da bandeira
Da Pátria que foi sua: a Pátria Portuguesa!

Fechemos de repente as creches e asilos
Soltando nos jardins os velhos e crianças...
E passaremos todos a viver tranquilos
Sem copiar da Europa a trampa das mudanças!
Passemos a viver longe das auto estradas...
Deixemos de viver na onda hertziana...
E pelos campos fora façamos as enxadas
Cavar o nosso pão em vida mais humana!



Abracadabra!
Abra!
Grande Cabra!

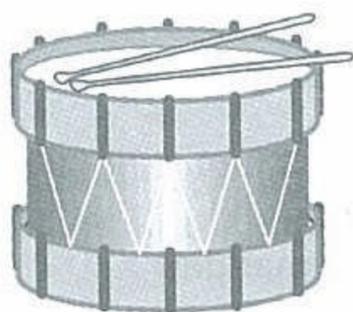
Manda o Santo acabar esta magia
Que é milagre e tanto não parece:
Ser o trabalhador quem levaria
Mais porrada no tal IRS!

Tudo cai afinal no mesmo lombo:
Cai o IVA, o IA e tudo o resto
Que faz o Povo ser eterno bombo!
Ordena o Santo aqui nosso protesto:
Fazei em Nicolina sinfonia
Fugir o nosso Povo da tortura
Vivendo em nossa Festa a Alegria
Que é de Guimarães tradição pura!

Dessas caixas e bombos à mistura
Com a algazarra viva do bom Povo
À Europa mostrai o sangue novo
Do Euro que perdido ela procura!

Soltai vossa Alegria na Cidade
Que sois da juventude a grande nau!
Zurzi-me nesses bombos com vontade
Puxai-me dessa força e dai ao pau:

Avance a Tradição no tempo fora
Em centúrias de Festa Nicolina!
Mostrai ao mundo já, aqui, agora
A força de Juventa mais ferina:
Por Nicolau em santa trovoada
Zurzi pele de cabra mais caprina
E que a Europa saiba, a descarada
Que pouco sabe e nada nos ensina!



Vai tudo à baquetada!

A. Meireles Graça,
fecit in su Tebaida Creixomil - Guimarães.